

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
Brenno Alecksander Rodrigues Paula

A FILOSOFIA DO TREINADOR EM CATEGORIAS DE BASE DE FUTEBOL

Goiânia, Goiás

2016

Brenno Alecksander Rodrigues Paula

A FILOSOFIA DO TREINADOR EM CATEGORIAS DE BASE DE FUTEBOL

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás, sob orientação do professor Doutor Heitor de Andrade Rodrigues.

Goiânia, Goiás

2016

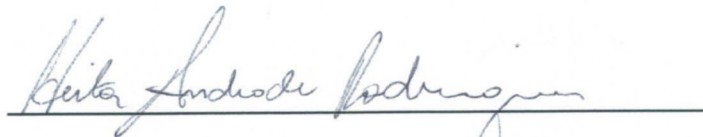
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

A FILOSOFIA DO TREINADOR EM CATEGORIAS DE BASE DE FUTEBOL

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás, sob orientação do professor Doutor Heitor de Andrade Rodrigues.

Esta Monografia foi revisada após a defesa em banca e está aprovada.

Goiânia, 20 de dezembro de 2016

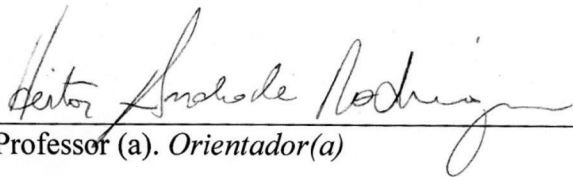


Prof/a. (orientador/a)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

A FILOSOFIA DO TRIENADOR EM CATEGORIAS DE BASE DE FUTEBOL

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás, sob orientação do professor Doutor Heitor de Andrade Rodrigues.



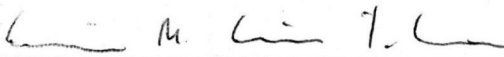
Professor (a). Orientador(a)

Aprovada (X) Não Aprovada ()



Professor (a). Aprofundamento

Aprovada (X) Não Aprovada ()



Prof/a ad hoc

Aprovada (X) Não Aprovada ()

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS MONOGRAFIAS
ELETRÔNICAS REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DE MONOGRAFIAS DA UFG – RIUFG**

1. Identificação do material bibliográfico monografia:

Graduação Especialização

2. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso

Autor (a):	Brenno Alecksander Rodrigues Paula		
E-mail:	brennoa@gmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input type="checkbox"/> Sim	<input checked="" type="checkbox"/> Não	
Título:	A FILOSOFIA DO TRIENADOR EM CATEGORIAS DE BASE DE FUTEBOL		
Palavras-chave:	Treinador; Filosofia de Treinamento; Futebol.		
Título em outra língua:			
Palavras-chave em outra língua:			
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	20/12/2016		
Graduação/Curso Especialização:	Educação Física Licenciatura		
Orientador (a)*:	Prof. Dr. Heitor de Andrade Rodrigues 321 194 138 00		

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O referido autor:

a) Declara que o documento em questão é seu trabalho original, e que detém prerrogativa de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento em questão contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal de Goiás os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento em questão.

Termo de autorização

Na qualidade de titular dos direitos do autor do conteúdo supracitado, autorizo a Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás a disponibilizar a obra, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional de Monografias da UFG (RIUFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data, sob as seguintes condições:

Permitir uso comercial de sua obra? Sim Não

Permitir modificações em sua obra?


Sim

Sim, contanto que outros compartilhem pela mesma licença .

Não

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Local e Data Goiânia, 10 de Fevereiro de 2017

Brenno Alecksander R. Paula 

Assinatura do Autor e/ou Detentores dos Direitos Autorais

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma me influenciaram a decidir pelo curso que sempre sonhei. Aos meus pais por terem me apoiado em qualquer decisão de minha vida, a minha noiva Marília Araújo por ter sido a principal apoiadora na minha mudança de curso para Educação Física e companheira em todos meus momentos. Agradeço aos professores que me marcaram na escolha do meu curso e aos professores da FEFD que me fizeram ter mais amor pela profissão, especialmente o meu orientador Doutor Heitor de Andrade Rodrigues, um exemplo de profissional e pessoa que teve paciência e brilhantismo em ensinar. Por fim agradeço aos meus amigos que tanto me apoiaram na minha vida estudantil e profissional e às críticas que recebi, pois me fizeram crescer e evoluir a cada dia.

EPÍGRAFE

“Os dias mais prósperos não vem por acaso; nascem de muita fadiga e persistência. (Henry Ford)”

RESUMO

O objetivo do presente trabalho foi investigar como se dá a formação da filosofia do treinador. Por sua vez, os objetivos específicos foram identificar como os treinadores acessam a carreira, os elementos que constituem as suas filosofias, se elas se modificam ao longo do tempo e como são materializadas no cotidiano de treino. O método utilizado foi de natureza qualitativa. Para a coleta de dados utilizamos a técnica da entrevista semiestruturada. A análise seguiu os pressupostos da análise de conteúdo. Os sujeitos participantes foram três treinadores das categorias de base de um clube de futebol da cidade de Goiânia, Goiás. Os resultados indicaram que a formação da filosofia do treinador se dá por um conjunto de valores, princípios e crenças, são fruto da história de vida de cada treinador e sofre modificações no decorrer do tempo. A materialização da filosofia do treinador é baseada principalmente pela busca de resultados e formação do atleta/ ser humano. Concluímos que os treinadores ainda não tem total clareza de sua filosofia de treinamento. Torna-se necessário estabelecer uma base filosófica que harmonize com os interesses da instituição e dispor de contribuições para o desenvolvimento de filosofias funcionais, realistas e condizentes com o que o treinador declara.

Palavras chave: Treinador; Filosofia de Treinamento; Futebol.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	8
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	18
3.1. PESQUISA QUALITATIVA.....	18
3.2 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS.....	19
3.3 SUJEITOS PARTICIPANTES.....	20
3.4 TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS.....	21
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35
APÊNDICE.....	37
APÊNDICE A.....	37
APÊNDICE B.....	46

1 INTRODUÇÃO

O esporte moderno é um dos fenômenos mais importantes do início do século XXI que alcançou dimensões e cenários das atividades humanas, tal como desenvolvimento científico, relações sociais, conhecimento e comunicação, sustentando uma ampla diversidade de significados e finalidades (GALATTI *et al.* 2014).

Dentro desse contexto do esporte, o futebol é uma das modalidades de maior expressão e tem sido uma indústria que movimenta cerca de US\$ 250 bilhões por ano concretizando 75% dos patrocínios no âmbito esportivo mundial, exemplo que podemos verificar na copa do mundo de 2010 em que o evento foi acompanhado por 80% da população mundial (OLIVEIRA, 2012). Dados que nos permitem afirmar que o futebol é o esporte de maior popularidade no planeta.

A popularização e a modernização do futebol mundial exige que os clubes tenham uma maior estrutura e maior preparação de suas equipes técnicas para que haja um desenvolvimento apropriado do time. Também vêm trazendo a necessidade de estudos sistematizados, principalmente devido à ampla concorrência e o surgimento de inúmeros clubes profissionais. As competições bilionárias, os salários milionários exigem um conhecimento ampliado das diferentes vertentes que o futebol moderno exige e, portanto, a qualidade da intervenção do treinador passa a fazer diferença significativa no jogo.

Com a modernização dos clubes e a profissionalização do futebol, o treinador se insere nesse contexto, em que há uma necessidade de estudos mais aprofundados objetivando o desenvolvimento da prática do treinador. Torna-se necessário uma figura que centralize a tomada de decisões nos treinamentos. Mais do que comandar um time no momento do jogo, o treinador passa, através de estratégias específicas, liderar o seu grupo fora do jogo, seja nos treinamentos, seja nas relações treinador/atleta e outros elementos do clube em questão.

Rosado e Mesquita (2008) afirmam que o treinador tem a função de fazer desenvolver as habilidades dos seus atletas, relacionadas ao esporte em questão, com um conjunto de ações organizadas com os meios adequados através do treino desportivo, isto é, o treinador deve por meio de sua posição de liderança, auxiliar os seus atletas a desenvolverem capacidades e habilidades necessárias à prática

esportiva em questão. Daí a necessidade do treinador buscar conhecimento e informação no intuito de formar novos atletas ou até mesmo aprimorar as habilidades já existentes.

Jenkins (2010) afirma que os treinadores adquirem um ponto de vista sobre o treinamento a partir de experiências educacionais, relações interpessoais entre outras experiências no campo esportivo. Grande parte dessas experiências se devem ao que o treinador passou como atleta ou jogador. Todavia, a atuação profissional pautada apenas na experiência já não se sustenta no cenário contemporâneo do esporte. O trabalho fundamentado em conhecimentos científicos é, cada vez mais, uma necessidade diante da evolução do treinamento.

Rosado e Mesquita (2008) enunciam, que aprender experienciando não pode significar a utilização ausente de critério, sem referenciais pedagógicos e metodológicos norteadores das estratégias de formação. Em concordância com esta afirmação é necessário que haja uma formação contínua em que o treinador, além de sua experiência como ex-jogador/atleta, utilize conhecimentos científicos valorizando a formação acadêmica. O conhecimento científico contribui no aperfeiçoamento da prática de treinamento e proporciona aos atletas uma significativa apropriação do processo de ensino-aprendizagem.

No âmbito desse debate, a filosofia do treinador é uma temática emergente. Como o conhecimento influencia no desenvolvimento dessa filosofia pode ser verificado em Cassidy *et al.*, (2009) em que os autores expõem que o conhecimento do conteúdo, possibilita aos treinadores dar seguimento na prática de treinamento sem que haja esforço consciente, ou seja, a prática do treinador é influenciada pelo aprendizado que o mesmo obteve no decorrer dos anos. Cassidy *et al.*, (2009) ainda complementam que é largamente aceito que o que os treinadores fazem e como eles fazem em sua prática é moldado por seus valores e princípios.

O contexto histórico e individual de cada treinador que o leva a tomar decisões dentro e fora do campo é um tema com poucas fontes de estudo, embora esteja em ascensão à busca pelo entendimento de como é moldada a filosofia dos treinadores. Alguns autores como Nash *et al.* (2008), Cassidy *et al.* (2009) e Jenkins (2010) citam em seus textos que a filosofia de treinamento está em constante mudança, embora com o passar do tempo e o acúmulo de experiências há uma tendência à estabilização dessa filosofia, ocorrendo mudanças de maior impacto no início da carreira do treinador. Como um treinador de um clube de ponta alcança um

modo de pensar e agir em determinadas situações é um ponto que gera questões a serem investigadas.

Dada essa questão, o objetivo do presente trabalho foi investigar como se dá a formação da filosofia do treinador, ou seja, como é desenvolvido o conjunto de crenças, valores e princípios que agregam em um ideal de treinamento. Por sua vez, os objetivos específicos foram identificar como os treinadores acessaram a carreira, os elementos que constituem as suas filosofias, se elas se modificam ao longo do tempo e como são materializadas no cotidiano de treino.

Para o desenvolvimento do trabalho optou-se pela escolha de um clube de futebol situado em Goiânia, Goiás, na busca de entender o que se caracteriza como os objetivos específicos do trabalho. O futebol foi escolhido como espaço de pesquisa por ser o esporte em que venho trabalhando desde 2014 e como um professor/treinador em formação, busco entender melhor como se dá a formação da filosofia de treinamento que rege todo o comportamento que um treinador tem durante sua carreira. Senti a necessidade de desenvolver estudos sobre a formação de treinadores, mais especificamente a filosofia de um treinador, tema carente de fontes de estudo na língua portuguesa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Ao nos debruçarmos sobre o tema da filosofia de treinador, logo percebemos uma escassez de pesquisas e referências teóricas publicadas no Brasil. A busca em periódicos nacionais indexados, vinculados à Educação Física, expõe essa realidade. Esse fato ocorre por efeito de pouca utilidade e importância que os treinadores dão à filosofia de treinamento na sua prática diária (CARLESS e DOUGLAS, 2011; JENKINS, 2010). Apesar dessa escassez de pesquisas, verificamos que autores como Nash, Sproule e Horton (2008), Cassidy, Jones e Potrac (2009), Jenkins (2010), Carless e Douglas (2011) e Nunomura *et al.* (2012) exploram a filosofia do treinador como uma importante área e buscam estabelecer uma base filosófica de trabalho, filosofias funcionais que possam servir de estudo para treinadores em formação.

A palavra filosofia está ligada à ideia de “pensar”, uma espécie de busca pelo saber e pelo conhecimento. A filosofia busca uma razão para a existência do ser, para os valores do mesmo buscando essas explicações de forma racional. Filosofar refere-se a uma “mobilização ampla da capacidade intelectual do sujeito pensante, na qual se articulam memórias, percepções e imaginações” (NUNOMURA, 2012, p. 678). A filosofia do treinador, portanto, está ligada à busca pelo conhecimento e o saber relacionado a fatores táticos, técnicos, psicológicos, administrativos, baseando sua forma de pensar em valores, crenças, princípios e condutas que permeiam a prática de treinamento (CASSIDY *et al.*, 2009; JENKINS *et al.* 2010; NASH *et al.* 2008; NUNOMURA *et al.* 2012).

Esses três elementos principais que determinam a filosofia de treinamento (crenças, valores e princípios) estão presentes na maioria das definições de filosofia de treinamento. A palavra crença tem origem da palavra *croyance*, que significa pensar como verdadeiro, sem poder absolutamente prová-lo (COMTE-SPONVILLE, 2011, p. 132), ou seja, aderir a um fato como verdade absoluta, porém sem poder provar completamente. Já a palavra princípio para Comte-Sponville (2011) é definida como o ponto de partida de um raciocínio, um começo teórico. Princípio designa o que contém as propriedades essenciais de uma coisa e pode ser colocada também no sentido normativo como “regra ou norma de ação, eventualmente moral [...]” (DUROZOL e ROUSSEL, 1993). A palavra valor em filosofia é considerada em

acepção moral “para designar o que proporciona normas à conduta”, o termo que designa a propriedade que o objeto tem de corresponder à necessidade do indivíduo (DUROZOL e ROUSSEL, 1993). Valor é um termo subjetivo, não absoluto, podendo variar para cada sujeito.

Adentrando nos três principais elementos que compõem a filosofia de treinamento (crenças, princípios e valores), debruçamo-nos nas definições relacionadas ao tema, na qual Cassidy *et al.* (2009) definem filosofia de treinamento como o conjunto de princípios e valores pessoais que moldam o que e como os treinadores fazem em sua prática. Cassidy *et al.* (2009, p. 55) ainda complementam que a filosofia do treinador “fornece direção e foco na relação para como o mesmo fará sobre o trabalho de treinamento” (tradução nossa). Em complemento, Jenkins (2010) considera como um meio de entender e desenvolver a prática dos treinamentos. É um ponto de vista a respeito do treinamento que os treinadores desenvolvem a partir de uma variedade de experiências práticas e educacionais, e que evolui ao longo do tempo através da influência do conhecimento aliado à educação e a autoconsciência do indivíduo. Jenkins (2010) também discute a filosofia englobando o conjunto de crenças, valores e princípios que guiam o comportamento do treinador.

Lyle (1999, p. 28 apud JENKINS, 2010, p. 234) desenvolve um conceito amplo sobre a filosofia de treinamento:

“Uma filosofia de treinamento é uma afirmação abrangente sobre as crenças e comportamentos que irão caracterizar a prática do treinador. Essas crenças e comportamentos irão ambos trazer um profundo conjunto de valores definidos pelo treinador ou serão o reconhecimento de um conjunto de expectativas impostas externamente para a qual o treinador sente que precisa aderir” (tradução nossa).

Nash *et al.* (2008) afirmam que as crenças pré-estabelecidas dos treinadores irão identificar o papel dos mesmos, baseados em suas experiências de vida. Essas experiências de vida do treinador também estão ligadas ao seu conhecimento, aos valores, atitudes e opiniões, determinando seu papel e sua filosofia.

Nunomura *et al.* (2012, p. 679) em recorte sobre um projeto de diagnóstico do processo de formação esportiva da ginástica artística no Brasil, expõem que as ideias e valores, tal como as atitudes, compõem um referencial filosófico, ou seja, a

filosofia do treinador é definida como o conjunto de valores, ideias e interesses que servem de guia para a conduta do mesmo. Os autores ainda complementam que são as ações e atitudes do técnico que determinam como o processo de treinamento irá se desenvolver. Já Carless e Douglas (2011, p. 2) apresentam a filosofia de treinador como um “conjunto geral de declarações que tem o potencial para se aplicar à grande variedade de contextos e cenários que um treinador pode trabalhar” (tradução nossa).

Os autores citados definem a filosofia do treinador como o conjunto de crenças, princípios e valores que irão fornecer direção para o desenvolvimento da prática de treinamento. Podemos definir, portanto, filosofia de treinamento como um conjunto de regras ou normas moralmente essenciais do indivíduo, que correspondem à conduta determinada pelas crenças do mesmo. Por conseguinte, estudos sobre como é formada a filosofia do treinador são necessários para compreender esses elementos que compõem uma filosofia de treinamento.

As pesquisas desenvolvidas sobre a temática da filosofia de treinamento, encontradas principalmente na língua inglesa, buscam entender como a filosofia de treinamento é desenvolvida. Os estudos procuram investigar quais ferramentas são utilizadas durante o desenvolvimento dessa filosofia e como os treinadores encaixam essas ferramentas no decorrer do processo da prática de treinamento. Os autores também buscam explorar os aspectos que contribuem na articulação e no desenvolvimento de uma filosofia coerente. Outra discussão encontrada nos trabalhos é relacionada à filosofia declarada pelos treinadores e o comportamento dos mesmos com o objetivo de explorar quais são os elementos que compõem a filosofia dos treinadores e o que as descobertas das pesquisas contribuem para auxiliar a formação da filosofia de outros treinadores em formação.

Em capítulo de livro, Cassidy *et al.* (2009) buscam entender o desenvolvimento da filosofia de treinamento, contextualizando as necessidades do treinador para desenvolvimento da mesma, problematizando os fatores necessários para formação da filosofia do treinador e fornecendo um modelo de desenvolvimento dessa filosofia. Os autores consideram que a importância de desenvolver uma filosofia de treinamento é para permitir treinadores e atletas construírem e aprenderem “uma forma coerente e consistente de pensar” (p. 57) fazendo uma crítica sobre o comportamento baseado em observações empíricas.

O desenvolvimento de uma filosofia de treinamento tal como os autores esclarecem, está longe de seguir uma receita, ou um padrão. Ao contrário, o desenvolvimento de tal filosofia é um trabalho complexo repleto de questões abertas, como relações interpessoais, influências morais e éticas, influência do clube/organização em que o treinador está inserido, entre inúmeras possibilidades que influenciam na formação da filosofia do treinador. Cassidy *et al.* (2009) ainda complementam que durante a formação da filosofia deve-se ter cuidado para que essas influências externas não sejam tomadas como ordem, seguindo uma lista de desejos, ou modelo de prática de treinamento. Os autores tomam como objetivo, portanto, buscar melhorar a consciência da complexidade que uma filosofia de treinamento possui e contribuir no desenvolvimento “do próprio sistema das crenças e da prática de treinamento” (p. 56, tradução nossa).

No desenvolver do capítulo, Cassidy *et al.* (2009) expõem que a filosofia do treinador declarada e o comportamento do mesmo, são duas vertentes que nem sempre convergem. Esse fato ocorre, segundo os autores, devido a pouca importância dada as pressões contextuais e restrições quando os treinadores desenvolvem uma filosofia. Essas pressões contextuais são expostas no exemplo que os autores utilizam no texto:

[...] em uma situação que o treinador possui uma filosofia desenvolvimentista, a criança menos qualificada do grupo, que está com baixa autoconfiança e necessita de atenção especial, realmente recebe o tempo necessário em relação às outras? Normalmente não. [...] mesmo se a criança recebe tal atenção, as necessidades dela são injustamente priorizadas sobre outras crianças de mais talento que igualmente merece ter suas habilidades mais desenvolvidas e realizadas? (p. 58, tradução nossa).

Esse fato exemplificado acima retrata o fato de que o comportamento do treinador muitas vezes acaba se modificando em razão de influência das crenças e práticas do clube ou da instituição de trabalho em que o treinador está inserido, ou até mesmo o fato do treinador ser visto como politicamente correto, ou mais democrático em suas declarações tal como Cassidy *et al.* afirmam. Os autores (p. 59) complementam que os treinadores são constantemente pressionados por fatores externos, que incluem o caráter da organização ou clube em que o treinador está inserido, expectativas dos atletas, pressão por resultados e o que o autor chama de “subcultura de treinamento”, ou seja, as particularidades da cultura do meio de

treinamento de determinado esporte. Portanto verifica-se que existem divergências relacionadas às filosofias declaradas pelos treinadores e seus comportamentos na prática de treinamento.

Cassidy *et al.* (2009) aborda a questão do desenvolvimento de filosofias flexíveis, ou seja, gerar mais filosofias de treinamento realistas e funcionais. É fato que a formação da filosofia leva consideráveis anos para estabilização, portanto verifica-se que é um processo demorado e complexo. Mesmo com essa estabilização da filosofia, Cassidy *et al.* (2009) ainda abre os olhos do leitor para a existência de uma necessidade de manter-se flexível, adaptando-se às circunstâncias, ou seja, não seria possível aplicar “padrões” filosóficos definitivos. Com isso os autores buscam dar um aporte teórico para contribuir no processo de individualização para a ação nos treinamentos, ou seja, buscar uma contribuição para o processo de desenvolvimento dos valores e crenças individuais do treinador. Por meio de questões que objetivam uma auto-avaliação os autores exploram reflexões sobre a formação do treinador com vistas no desenvolvimento da consciência do treinador, como por exemplo, descrevem que o processo de formação da filosofia talvez seja mais importante do que essa filosofia pode se tornar. Cassidy *et al.* (2009) ainda concluem que desenvolver filosofias funcionais e sinceras resultam em treinadores mais pensantes e imaginativos.

Jenkins (2010) explora, por meio de pesquisa bibliográfica, ferramentas que permitem os treinadores aplicarem a sua filosofia de um modo prático, ou seja, esclarecer para seus atletas qual é a sua filosofia de treinamento. Jenkins (2010) dá segmento na discussão das ferramentas que contribuem na aplicação da filosofia do treinador, explorando os incidentes críticos, as histórias dos treinadores e o *storytelling*.

Os incidentes críticos são utilizados geralmente como feedbacks na busca de fornecer uma base para reavaliar as crenças e premissas sobre a prática existente. São histórias interpretadas com certa significância para enriquecer o entendimento de quem recebe o *feedback* e favorecer a reflexão sobre a prática de treinamento, ou seja, valorizar uma história no intuito de projetar uma conduta favorável que corresponda às necessidades do time e do treinador. Jenkins (2010 p. 237) afirma que essas reflexões sobre os incidentes críticos “geram uma base para reavaliar nossas crenças subjacentes e premissas sobre a prática existente” (tradução nossa).

As histórias dos treinadores são fatores que fazem a diferença na liderança e no processo de treinamento. Essas “conversas” que os treinadores têm por meio de histórias possui intuito de fornecer informações e até mesmo recomendações de liderança. Esse uso de informações históricas permite ao treinador “conversas inspiradoras com o time” (JENKINS, 2010, p. 237) que propiciam uma prática mais favorável nos treinamentos.

A influência do conhecimento e educação também está fortemente ligada à formação da filosofia de treinamento (JENKINS, 2010). Quando o treinador tem um tutor que marcou sua formação, tende a agir de forma parecida, ou seja, o professor que contribui de forma significativa na educação do treinador em formação (principalmente quando contribui positivamente nesse âmbito da formação) possibilita ao treinador já “formado” reproduzir comportamentos e ações parecidas com as do seu tutor.

Carless e Douglas (2011) em discussão sobre histórias relacionadas com a filosofia de treinamento pessoal exploram em seu texto uma ferramenta prática associada à liderança que o treinador tem sobre seus atletas, o *storytelling*. A prática do *storytelling* favorece uma ligação clara sobre os níveis abstratos/teóricos e os níveis práticos das experiências individuais, e possibilita aos treinadores a reflexão e o aprendizado sobre seus próprios incidentes ou de outros treinadores (CARLESS e DOUGLAS, 2011, p. 3). O domínio em contar histórias e coletá-las no intuito de ensinar valores e lições sobre um comportamento adequado é um modelo de liderança que os treinadores têm difundido em sua prática.

O *storytelling* para Carless e Douglas (2011), produz material de relevância pessoal, tornando-se proveitoso no desenvolvimento e articulação de uma filosofia de treinamento pessoal. Essas histórias necessariamente iniciam-se por uma experiência pessoal incorporada na forma de eventos ou acontecimentos específicos. A prática do *storytelling*, segundo o autor, é ao mesmo tempo pessoal e construída por aspectos socioculturais, pois está relacionada a “expectativas sociais, relações de poder, normas culturais, entre outras” (p. 3, tradução nossa). Os autores ainda completam que o processo do *storytelling* possibilita resignificar essas histórias em diferentes momentos, como por exemplo, quando a filosofia do treinador já é diferente de quando o mesmo contou determinada história em um evento passado.

Jenkins (2010) complementa a ideia de Carless e Douglas (2011) sobre o storytelling, afirmando que as pessoas querem líderes que façam o que dizem que vão fazer, ou seja, simplesmente contar histórias inspiradoras não é o suficiente. Essas “conversas” que os treinadores têm por meio de histórias possui intuito de fornecer informações e até mesmo recomendações de liderança, permitindo ao treinador uma prática mais favorável nos treinamentos e a facilidade em aplicar a sua filosofia pessoal de treinamento com os seus atletas. Jenkins (2010, p. 237) se debruça sobre o papel do storytelling relacionando-o ao “esclarecimento de valores, articulando a filosofia e alinhando as ações com os valores” (tradução nossa).

Esses conceitos discutidos por Jenkins (2010) e Carless e Douglas (2011) ao mesmo tempo objetivam o desenvolvimento da liderança do treinador, ponto de grande importância que permite a identificação do “nível de desenvolvimento” que o treinador alcançou.

Em estudo investigativo com treinadores esportivos, Nash *et al.* (2008) verificam que a experiência como treinador é uma das principais contribuintes para o desenvolvimento da filosofia de treinamento e do conhecimento como treinador. Os autores observam alguns aspectos relacionados à divisão de estágios na carreira, em que são observados cinco níveis de desenvolvimento de treinadores. Nash *et al.* (2008) verificam que existe uma dificuldade em desenvolver uma estrutura que descreva de forma concisa as diferenças relacionadas aos diferentes níveis de treinamento. Os autores ainda complementam que a filosofia do treinador é baseada pelas experiências de vida e pelo conhecimento adquirido pelas experiências educacionais.

Nash *et al.* (2008, p. 541) afirmam que treinadores iniciantes demonstram dificuldade em desenvolver uma consciência clara sobre seus valores centrais e seus métodos. Os mesmos tendem a concentrar os aspectos que a organização ou clube possui, ou seja, tendem a ser influenciados mais pela organização em que trabalham do que por sua própria ideologia. Os autores encontraram que as atitudes dos treinadores iniciantes de níveis 1 e 2 geralmente são formadas por experiências passadas no esporte que o treinador participa e pela filosofia dos seus treinadores ao decorrer da carreira como atleta. Esses treinadores de níveis iniciantes também apresentaram uma tendência em participar de cursos sobre treinadores. Os autores ainda completam que muitas informações são apresentadas a treinadores iniciantes

em cursos, mas não transmitem as complexidades e as contradições inerentes à prática do treinamento.

Já os treinadores de níveis intermediários demonstraram uma consciência clara sobre suas filosofias e como elas têm efeito sobre o processo de treinamento. Os treinadores de nível 3 apresentaram a problemática de que a filosofia do treinador está em “constante mudança e evolução dependendo do contexto do treinador” (p. 544, tradução nossa).

Os treinadores experientes evidentemente demonstram um reconhecimento do impacto que a filosofia de treinador tem nos processos e estratégias de treinamento. Nash *et al.* (2008) ainda complementam que os treinadores experientes refletem regularmente sobre sua prática e suas crenças como um meio de monitoramento da sua prática profissional, modificando sua filosofia de treinamento quando necessário. Os autores também verificam que é necessário pelo menos dez anos de experiência no total, esta que permanece em constante mudança, alterando as proporções de mudança de acordo com o tempo, ou seja, na medida em que o treinador adquire experiências, a tendência é de estabilização da filosofia de treinamento.

Um exemplo claro de um treinador experiente pode ser observado em Wang e Straub (2012) em que os autores entrevistaram o treinador de futebol de classe mundial Ansson Dorrance e verificaram que o mesmo desenvolveu o seu próprio sistema de treinamento com oito componentes que são:

“[...] 1) estilo de liderança, 2) promover disciplina criando um ambiente positivo do time, 3) criar um ambiente competitivo para o sucesso, 4) ensinar os princípios psicológicos chave para atletas de elite, 5) os desafios do treinamento e competições com fortes oponentes, 6) o desenvolvimento de atletas de elite para estabelecer um grande time, 7) a postura do treinador na competição, e 8) o desenvolvimento de um treinador de elite” (p. 433, tradução nossa).

Observa-se em Dorrance uma filosofia de treinamento mais humanista, em que o treinador busca uma aproximação com seus atletas baseado em um estilo de liderança democrático, ou seja, ao decorrer de seus trinta e cinco anos de experiência, o treinador abandonou o estilo autocrático de liderar, deixou de comandar de forma absoluta, sem se preocupar com a opinião dos seus atletas e passou para uma forma democrática, buscando uma aproximação do time para com

o treinador, resultando em uma carreira de sucesso tal como Wang e Straub (2012, p. 441) citam em seu estudo.

Em estudo Nunomura *et al.* (2012), analisaram sobre a filosofia de trabalho de técnicos relacionados à formação esportiva da ginástica artística no Brasil. Ressaltando sobre a importância da filosofia os autores afirmaram que “a filosofia norteia os objetivos gerais e as metas durante o processo de treinamento em longo prazo” (NUNOMURA *et al.*, 2012, p. 679), sendo assim, necessária a busca pela formação de uma filosofia coerente e consistente para que o treinador possa se manter direcionado no processo de formação e orientação dos atletas.

Os autores exploraram depoimentos sobre a importância da educação geral do indivíduo, a busca pelo prazer e os valores sócio afetivos em relação à prática da modalidade. Nunomura *et al.* (2012) ainda se debruçaram sobre a relação que o técnico tem com os atletas, que ultrapassa o ensino da técnica e das habilidades, buscando desenvolver não só as capacidades motoras, mas também o desenvolvimento da disciplina, do respeito, da formação pessoal e desenvolver nos atletas também uma filosofia baseada em valores, crenças e princípios.

Na maioria dos técnicos entrevistados, Nunomura *et al.* (2012) verificaram que a filosofia dos treinadores está centrada na educação dos atletas, em que os treinadores ressaltaram principalmente valores como a disciplina e o respeito. Os técnicos pesquisados ressaltaram também a importância que a educação formal e o respeito ao próximo tem na formação dos atletas.

Nunomura *et al.* (2012) ainda abordam em sua pesquisa que os técnicos tendem a respeitar também a individualidade do atleta, relacionadas com os valores, princípios e a história de vida dos indivíduos, o que mostra que a filosofia dos técnicos deve ser flexível e passa por mudanças no decorrer de toda sua carreira. Alguns técnicos e atletas justificaram seus comportamentos divergentes da sua filosofia declarada pela necessidade de manter financiamentos e patrocínios para ganhar reconhecimento e principalmente, vencer. Portanto, segundo Nunomura *et al.* (2012), é necessária uma filosofia de trabalho bem desenvolvida e que seja fundamentada em seus valores e princípios a fim de que haja harmonia entre a base filosófica de trabalho do treinador com os interesses da organização/clube ou de outros envolvidos no cenário esportivo.

Nunomura *et al.* (2012) ainda reforçam que existe a necessidade do treinador “[...] conhecer a si próprio, seus valores e crenças [...]” (p.687). Wang e Straub

(2012) reforçam em sua pesquisa que a autoconsciência do treinador também é um fator determinante no desenvolvimento de uma filosofia. Em entrevista, o treinador de futebol de classe mundial afirma que ser verdadeiro com sua própria personalidade é a capacidade para ser um líder efetivo e um treinador motivacional mais efetivo ainda (p. 441).

Em suma, os autores buscam em suas pesquisas, contribuições para o desenvolvimento de filosofias particulares, através de ferramentas que permitam que a filosofia do treinador seja funcional, realista e condizente com o que o treinador declara publicamente. A filosofia do treinador é expressivamente influenciada pela experiência do mesmo durante todo o processo de treinamento, baseada pela bagagem de vida e pelo conhecimento adquirido pelas experiências educacionais que o treinador leva consigo. Outro fator que influencia a formação e desenvolvimento da filosofia do treinador é o meio que o treinador se insere ao longo de sua carreira.

Os interesses da organização/clubes que emprega o treinador influenciam o seu comportamento, e conseqüentemente, podem intervir em sua ideologia. Em vista disso, torna-se necessária a busca de alternativas que permitam desenvolver filosofias que harmonizem os interesses do clube/organização com a base filosófica de trabalho do treinador.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 PESQUISA QUALITATIVA

O presente estudo foi desenvolvido a partir dos pressupostos da pesquisa qualitativa, esta que é baseada no aprofundamento e compreensão de determinado assunto que não pode ser totalmente quantificado, ou seja, a pesquisa qualitativa não se preocupa com quantificação numérica.

Silveira e Córdova (2009, p. 32) afirmam que “na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas”. Esse tipo de pesquisa tem como característica a subjetividade e envolvimento do pesquisador centrando-se na compreensão e explicação do fenômeno pesquisado. O pesquisador, portanto, deve tomar cuidado com alguns aspectos devido ao seu envolvimento com a pesquisa, como por exemplo, a sua influência sobre o objeto de estudo.

A pesquisa qualitativa lida com aspectos da realidade que não são possíveis de serem quantificados. Segundo Silveira e Córdova (2009) as características da pesquisa qualitativa são:

[...] objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único para todas as ciências (p.32).

A abordagem qualitativa busca descrever o fenômeno em questão de forma mais autêntica possível observando os dados obtidos relacionando-os com a totalidade do contexto em que o fenômeno se insere.

No presente trabalho optamos pela pesquisa de caráter qualitativo, pois buscamos lidar com a filosofia do treinador como um fenômeno, tentando compreender a totalidade do mesmo. Outro aspecto levado em conta sobre a escolha do caráter qualitativo foi a busca pela proximidade do pesquisador em relação ao fenômeno estudado, enfatizando o subjetivo para a compreensão dos resultados obtidos.

3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os instrumentos de coletas de dados são as técnicas utilizadas para a busca de informações sobre determinado fenômeno ou assunto pesquisado. Segundo Gerhardt *et al.* (2009) o instrumento técnico que o pesquisador utiliza deve atender requisitos para medição de dados, que incluem a validade, confiabilidade e precisão. Para a realização de nossa pesquisa, o instrumento técnico de coleta de dados foi o gravador de voz de um aparelho celular, o que nos permitiu clareza na transcrição das entrevistas.

Para a coleta de dados utilizamos a técnica da entrevista, com auxílio de um roteiro com perguntas semiestruturadas que possam facilitar o processo interpretativo do fenômeno estudado.

Segundo Gerhardt *et al.* (2009) a entrevista constitui uma técnica alternativa de coleta de dados que não são documentados sobre algum tema. A entrevista é uma técnica que utiliza o diálogo em que uma parte busca obter os dados e a outra é estabelecida como fonte de informação.

A técnica da entrevista tem como objetivo possibilitar maior convivência com o problema, tendo em vista torná-lo mais claro e possibilitar maior viabilidade na interpretação dos dados e construção de hipóteses. No âmbito da entrevista, optamos pela utilização de um tipo específico: a entrevista semiestruturada.

A entrevista semiestruturada caracteriza-se por um conjunto de questões previamente definidas sobre o tema pesquisado e permite que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que surgem de acordo com os desdobramentos do tema principal, ou seja, diferente da entrevista estruturada, as perguntas podem ser modificadas, possibilitando o entrevistador buscar respostas que satisfaçam os objetivos da pesquisa (GERHARDT *et al.* 2009).

No presente trabalho definimos um roteiro prévio de questões sobre a filosofia do treinador, conforme descrito na sequência. De acordo com o segmento das entrevistas, algumas perguntas foram adicionadas ou modificadas. O roteiro de entrevistas dispôs da seguinte estrutura:

Nome:	Idade:
Instituição de trabalho:	
Tempo na instituição de trabalho:	
Tempo de experiência como treinador:	
Formação:	
Instituição de Formação:	

1. Como você se tornou treinador?
2. Quais foram suas influências para que se tornasse um treinador?
3. Em sua opinião, qual é a função/papel do treinador?
4. Qual é sua filosofia de treinamento?
5. O que te levou a pensar o processo de treinamento dessa forma? Quais as bases para desenvolver essa filosofia?
6. Sua filosofia de treinamento se modificou com o tempo? Como? Quais mudanças foram mais expressivas?
7. Como você materializa essa filosofia no cotidiano de treino?

Em nossa entrevista abordamos temas específicos condizentes com os objetivos da pesquisa e todas as entrevistas foram gravadas por um aparelho celular e posteriormente transcritas para análise de dados.

3.3 SUJEITOS PARTICIPANTES

Para a seleção dos sujeitos participantes da pesquisa determinamos os seguintes critérios: (1) atuarem profissionalmente no meio do futebol (2) atuarem ou já terem atuado anteriormente como treinadores em categorias de base, (3) demonstrarem disponibilidade e interesse em participar do estudo. Orientados por esses critérios chegamos a três treinadores atuantes em categorias de formação de jovens atletas de futebol com experiência como treinador entre 11 e 15 anos, sendo dois com idade em torno de 50 anos e um com idade de 36 anos.

3.4 TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados tem como objetivo organizar o que foi coletado durante a entrevista de forma que seja possível fornecer respostas para o problema proposto. A análise qualitativa tal como Gil (2002, p. 133-134) descreve, possui uma sequência de “atividades” que incluem a redução, categorização, interpretação dos dados e redação do relatório.

A redução dos dados consiste em selecionar e transformar os dados originais obtidos, simplificando-os de acordo com os objetivos da pesquisa. Gil (2002) dá continuidade na sequência da análise qualitativa na categorização dos dados, em que consiste na organização dos dados para que o pesquisador possa tirar conclusões sobre eles e categorizar os mesmos descritivamente reexaminando e modificando essas categorias sucessivamente. Após categorizar os dados, segundo Gil (2002) é necessário que o pesquisador acrescente algo ao que foi obtido, que faça uma abstração dos dados proporcionando uma nova perspectiva ao problema.

Gerhardt *et al.* (2009) estabelecem que seja necessário analisar, compreender e interpretar o material qualitativo. Os autores apresentam duas possibilidades de análise do material: análise de conteúdo e análise do discurso. Na presente pesquisa, foi feita a opção de explorar por meio da análise de conteúdo.

A análise de conteúdo inicia-se, segundo Gerhardt *et al.* (2009) pela leitura das falas, esta que foi realizada por meio das transcrições de entrevistas. Os autores expõem em seu trabalho que a análise ocorre em três fases, quais sejam: (1) organizar o que será analisado, explorando o material por meio de várias leituras, (2) explorar o material, classificando os dados, fazendo recortes do texto, (3) tratar os resultados, trabalhando os dados brutos permitindo o destaque para as informações obtidas.

Primeiramente foi feita a transcrição das entrevistas, de forma a organizarmos os dados obtidos, na qual os mesmos foram analisados individualmente distribuídos por cada questão. A partir da descrição dos dados recorreremos à revisão da literatura, no sentido de discutir os resultados encontrados. Portanto, houve o tratamento dos resultados, trabalhando os dados obtidos de forma a abstrairmos os dados e acrescentarmos uma nova compreensão do problema.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na apresentação dos resultados, decidimos organizar os dados obtidos, de acordo com a sequência de questões definidas no roteiro de entrevista. Para cada questão do roteiro, fizemos uma descrição dos dados nas respostas dos três treinadores e, na sequência, procedemos à discussão.

Antes de adentrarmos os dados obtidos na análise das questões, consideramos oportuno caracterizar os sujeitos participantes (Quadro 1). A pesquisa foi feita com três treinadores de categorias de base de um clube de futebol da cidade de Goiânia-GO. Os três treinadores entrevistados possuem de 11 a 15 anos de experiência como treinador. Cada profissional atua em uma categoria diferente no clube, quais sejam sub-20, sub-17 e sub-15, identificados respectivamente como T1, T2 e T3.

	Formação	Instituição de Formação	Experiência como treinador	Idade	Tempo total na instituição de trabalho
T1	Graduação em Gestão Esportiva e Licenciatura em Educação Física	UNIVERSO*	13 anos	36 anos	2 anos e 9 meses
T2	Ensino Médio incompleto		11 anos	50 anos	5 anos e 3 meses
T3	Licenciatura em Educação Física/ Especialização em Futebol/ Segunda Especialização não identificada	UEG*	15 anos	55 anos	20 anos

Quadro 1 – Dados de identificação dos treinadores pesquisados.

*Significado das siglas: Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO); Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Fonte: Pesquisa direta. Elaboração do pesquisador.

Para iniciar a conversa, questionamos os sujeitos participantes sobre vários aspectos relacionados ao treinador, tal como seu contexto histórico, suas influências, a visão que o sujeito tem do que é ser treinador, a filosofia do mesmo, como o treinador passou a pensar de tal forma, de acordo com as mudanças que

ocorreram na carreira de cada um e como os mesmos materializam a sua filosofia de treinamento no cotidiano.

É relevante afirmar que cada um possui histórias e influências bem distintas que os levaram a se tornarem treinadores. Verificamos durante as entrevistas que os treinadores 1 e 2 já vislumbravam a profissão antes mesmo de se tornarem de fato treinadores, sendo o T1 filho de treinador e o T2 ex-jogador, estes que já viviam no meio do futebol. Sobre o assunto T2 ressalta:

Eu nunca fiz curso de futebol. A minha vida foi formada só dentro de clubes como jogador. Depois que eu parei de jogar futebol, naturalmente a carreira de treinador surgiu [...] Na verdade eu sempre... quando eu era jogador de futebol eu sempre quis ser treinador (T2).

O fato de ser ex-jogador (T2) contribuiu de forma expressiva para que se tornasse treinador tal como em sua fala, na compreensão de T2: “o meio mesmo me ensinou a ser treinador”, ou seja, uma experiência prévia com o esporte de rendimento permitiu ao atleta ser influenciado para que se tornasse um futuro treinador.

O T1 vislumbrava ser treinador por influência de seu pai. Por não poder jogar acompanhando o time universitário em campeonatos e ainda assim vislumbrar a continuidade no meio do futebol se tornou treinador. Essa ideia é expressa em sua fala:

Na verdade foi uma opção profissional, até por influência do meu pai que é treinador e foi jogador e eu resolvi seguir essa carreira, comecei a fazer o curso de gestão esportiva. E na época eu estudava na faculdade, tinha bolsa para jogar futebol e por causa dos meus horários, por causa de algumas viagens que a equipe fazia eu não podia acompanhar (T1).

Esse convívio com o meio, isto é, a convivência e influência de outros treinadores levaram os entrevistados a escolherem a carreira de treinador, tal como sucedeu com os treinadores 1 e 2. O T1 deixa claro em sua fala sobre essa influência, mais especificamente a de seu pai na segunda questão do roteiro:

Na verdade a maior delas foi meu pai né... que é treinador de futebol, é o Roberto Oliveira. Foi jogador, mas eu sempre fui criado no esporte e não pude ser jogador de futebol por um problema no coração (T1).

Diferente dos demais treinadores, outra condição que influenciou na opção de ser treinador foi o ocorrido com T3, em que o mesmo teve oportunidade de estágio no curso de Educação Física, o que permitiu que se tornasse treinador:

Eu entrei no clube como estagiário em Educação Física, como preparador físico e a partir de 98 o técnico do sub 20 pediu para mim assumir as categorias infanto-juvenis que era na faixa de 16,15 anos. Eu assumi e de lá pra cá me tornei técnico e não mudei mais (T3).

Observamos nas entrevistas dois fatores importantes para a opção em ser treinador, quais sejam: a experiência no terreno esportivo, influenciada pela vivência como atleta e pelo contato com treinadores mais experientes, bem como por uma experiência de estágio oportunizada no curso de Educação Física.

O contato com treinadores mais experientes e a influências que estes exercem sobre o treinador em desenvolvimento leva o treinador a agir de forma parecida e reproduzir comportamentos e ações parecidas com as de seus tutores. Em concordância à afirmação da influência que outros treinadores trazem para auxiliar na escolha da carreira, é mencionada na pesquisa de Jenkins (2010), a fala do treinador de rugby Ian McGeechan: “Ele prestou homenagem ao seu treinador formador Syd Millar como uma das pessoas mais influentes em sua carreira” (p. 238-239, tradução nossa). Ian McGeechan ainda completa quando afirma que cresceu muito como pessoa e tenta fazer o mesmo com seus jogadores (JENKINS, 2010).

Aprofundando a reflexão, questionamos os sujeitos participantes sobre qual é a função ou papel de um treinador esportivo, o que em nosso entendimento é um elemento importante no delineamento da filosofia de um treinador. Notamos que os sujeitos entrevistados entendem a função/papel do treinador como um elemento que possui um conjunto complexo de funções, tal como o treinador 1 discursa:

[...] ele exerce várias funções né. Eu acho que as principais: é ser um comandante de trabalho; é ser um gestor de pessoas e profissionais; é ter a qualidade técnica e tática para desenvolver o trabalho; uma metodologia, convicções, princípios, para que ele consiga desenvolver o trabalho da maneira como ele acredita ser o ideal (T1).

O treinador 2 acrescenta que o treinador deve também pensar no ser humano, ou seja, formar o sujeito dentro e fora do futebol tal como expõe:

Porque a maioria dos jogadores que se formam na base, ele não consegue atingir o máximo que é chegar ao profissional. Então a gente tem essa mentalidade de trabalho de formar jogadores e também pessoas que continuem fora do futebol (T2).

Já o treinador 3 afirma que o treinador tem o papel de desenvolver o atleta para a equipe, objetivando vitórias e campeonatos, tal como descreve:

O treinador, ele tem que fazer o atleta atingir um nível que possa ser escalado na equipe né, para atingir seus objetivos, que é a vitória né. [...] E você tem que trabalhar essa parte psicológica, a parte tática, pra depois esse atleta servir ao clube e o objetivo maior: a conquista de vitórias e campeonatos (T3).

Em suma, os treinadores compreendem o papel do treinador como um conjunto de funções dentro da organização ou clube. Entre elas se destacam: desenvolver o atleta para o clube, gerir pessoas e profissionais, trabalhar a parte psicológica, técnica e tática e formar o ser humano. O papel do treinador, portanto, está relacionado a fatores táticos, técnicos, psicológicos e administrativos baseando suas ideias nos princípios e convicções do sujeito, ou seja, no que o treinador acredita.

Dando prosseguimento à entrevista questionamos os treinadores sobre sua filosofia de trabalho. Verificamos certa dificuldade dos treinadores em compreender o significado desse termo e em definir os elementos que constituem essa filosofia.

Apesar das dificuldades dos treinadores em delinear os elementos que constituem uma filosofia, foi possível encontrar princípios, crenças e valores que nos permitiram identificar elementos gerais da filosofia do treinador. Cassidy *et al.* (2009) definem a filosofia de treinamento como o conjunto de princípios e valores pessoais que moldam o que e como os treinadores fazem em sua prática, ou seja, o que os treinadores têm como regras ou normas moralmente essenciais, correspondem à sua conduta determinada pelas crenças do mesmo.

O primeiro aspecto recorrente no relato dos treinadores é desenvolver os aspectos técnico-táticos do atleta, buscando formá-lo para o clube, privilegiando a equipe, tal como T3 expõe:

A filosofia seria aquela: ser bastante... é... mais tecnicista, exigindo mais a correção do movimento do atleta, e essa é a minha parte que eu gosto de adotar. E na parte de sistemas eu sou... gosto de influenciar o atleta em muitos sistemas táticos né para que ele possa mostrar o seu melhor e possa contribuir ao clube (T3).

T1 corrobora a ideia de T3 ao reforçar que o objetivo principal é privilegiar a equipe:

O principal e o privilegiado tem que ser a equipe. O que for bom pra equipe deve ser feito. E nunca privilegiar um atleta ou outro pela sua qualidade, pela sua capacidade, em vez de privilegiar a equipe (T1).

O treinador 1 coloca como elemento inicial de sua filosofia a forma de pensar o jogo, em que defende o jogo pensando na ofensividade e ao mesmo tempo na posse de bola tal como definiu em sua resposta:

Eu gosto do jogo jogado, eu gosto do futebol ofensivo, eu gosto do time com posse de bola, com circulação de bola, com ataques rápidos, com contra-ataques, com menos volantes possíveis, com equilíbrio, com transições (T1).

Em resumo T1 ainda complementou sua definição de filosofia com elementos que remetem aos seus princípios, tal como expõe: “E a filosofia de trabalho é ser o correto, ser justo, ser o mais profissional possível com todos eles, ser direto, ser franco e fazer o que tiver que fazer pra equipe.” (T1).

Essa concepção se deve à grande influência que os clubes exercem sobre a filosofia do treinador. Além da influência que o clube exerce sobre o treinador, muitos pais de atletas em formação enfatizam a vitória e ainda existe a influência do “próprio modelo esportivo moderno que promove a vitória e ser o melhor” (NUNOMURA, 2012, p. 680). Em concordância, Cassidy *et al.* (2009) expõe que as crenças dos treinadores estão suscetíveis a transformações e o sujeito é constantemente pressionado por influências externas tais como as expectativas dos atletas e as pressões por resultados do clube ou organização. Lyle (1999, apud JENKINS, 2010, p. 234) ainda complementa que:

Essas crenças e comportamentos irão ambos trazer um profundo conjunto de valores definidos pelo treinador ou serão o reconhecimento de um conjunto de expectativas impostas externamente para a qual o treinador sente que precisa aderir (tradução nossa).

Nunomura *et al.* (2012) afirmam ser necessária uma filosofia de trabalho bem desenvolvida, fundamentada em seus valores e princípios a fim de que haja harmonia entre a base filosófica de trabalho do treinador com os interesses da organização/clube.

O segundo aspecto a ser observado na fala dos treinadores consiste em formar o ser humano além dos aspectos técnicos e táticos tal como T2 expõe quando afirma: “o que a gente pensa é formar o atleta para o clube, mas também pensando numa vida dele após a situação de atleta” (T2). Em pesquisa com treinadores de ginástica artística Nunomura *et al.* (2012) verificaram pontos de vista semelhantes aos encontrados em nossa entrevista, como desenvolver não só as capacidades motoras, mas também a disciplina, o respeito, além de desenvolver nos atletas, uma filosofia baseada em valores crenças e princípios.

Em Wang e Straub (2012) verificamos na pesquisa com o treinador de futebol de classe mundial Ansson Dorrance um dos componentes do seu sistema de treinamento “ensinar os princípios psicológicos chave para atletas de elite” (p. 433, tradução nossa), esses que são elementos constituintes da formação do sujeito. Em concordância a essa fala, o treinador 3 afirma: “[...] você tem que trabalhar essa parte psicológica, a parte tática, pra depois esse atleta servir ao clube [...]” (T3).

Aprofundando essa discussão T1 afirma que para além de pensar o jogo, privilegiando a equipe, o treinador valoriza a formação humana:

Eu acho que o jogador... ele tem que ser homem. Eu acho que nós da comissão técnica devemos primeiro formar um homem principalmente na categoria de base. E a filosofia de trabalho é ser o correto, ser justo, ser o mais profissional possível com todos eles, ser direto, ser franco e fazer o que tiver que fazer para a equipe (T1).

O treinador 2 em concordância ao T1, afirma: “pensar a formação do atleta para o clube, mas também você tem que pensar no ser humano”. O mesmo ainda complementa que sua filosofia muda constantemente e afirma ter mais cautela e paciência com os jogadores deixando claro quando indagado sobre sua filosofia de treinamento:

A gente acompanha treinadores que são mais famosos, que a gente e a gente sempre muda um pouquinho a maneira de pensar sobre o futebol. Principalmente na base, até porque o treinador ainda não tá formado. Você tem que ter um pouquinho mais de paciência, você tem que ter um trabalho um pouquinho mais cauteloso, a respeito de jogadores da categoria que não seja profissional, então essa maneira de pensar, ela muda muito no decorrer do ano que você trabalha (T2).

O terceiro aspecto investigado nas entrevistas foi o respeito à individualidade do atleta. Analisar os atletas que o treinador tem em mãos, também foi uma forma declarada de se pensar a filosofia de treinamento (T2). O treinador 2 em resposta sobre a sua maneira de pensar nos afirmou que:

Eu tenho uma maneira de pensar dentro de uma formação que você tenha atletas que assimilam muito mais rápido o que você tem a falar pra ele e tem atletas que assimilam devagar, então você tem que ter muito cuidado com isso até pensando no jogador no futuro (T2).

Como o jogador assimila o que o treinador acredita é um dos fatores que levam o mesmo a pensar a individualidade do jogador. Ter a paciência de lidar com determinados atletas é um dos reflexos que essa “análise” dos jogadores causa na forma de pensar do treinador. Nunomura *et al.* (2012) em posição semelhante, abordam em sua pesquisa que os técnicos respeitam a individualidade do atleta, relacionadas aos valores, princípios e o que cada um já traz consigo fora do ambiente esportivo.

Verificamos também na fala do T1, valores constituintes da filosofia do treinador, como: “[...] ser correto, ser justo, ser o mais profissional possível com todos eles, ser direto, ser franco [...] (T1)”. Esses valores que cada treinador traz consigo, aliados aos seus princípios e crenças, levam a uma forma de pensar a respeito do treinamento que os treinadores desenvolvem a partir de experiências ao longo do tempo.

As experiências de vida estão ligadas ao conhecimento, aos valores, atitudes e, conseqüentemente, a filosofia do treinador. O contexto histórico de cada um contribui para que o treinador alcance um ponto de vista determinado por essas experiências passadas, tal como o T3 cita:

Foi a evolução do futebol. Antes o futebol era muito mais técnico, muito mais... até bonito de se ver. Não tinha a parte física tão desenvolvida como é hoje, e você tem que evoluir nessa parte. Se você continuar dando aquele trabalho mais lúdico pros atletas ali, perderíamos muito nessa parte física, nessa parte de, como eu falei, correção de movimentos e não desenvolveria (T3).

Aprofundando o entendimento sobre a filosofia do treinador questionamos os sujeitos se essas formas de pensar o treinamento se alteraram ao longo do tempo. Os resultados indicam que no decorrer dos anos, o treinador passa a ser mais “tranquilo” e “pensativo”, expressões usadas por T1 e “ter mais paciência” e ser “mais cauteloso” ditas por T2.

O treinador 2 afirma em sua fala que as mudanças na filosofia não foram tão expressivas, mas foram mudanças naturais na forma de pensar tal como o mesmo expressa:

Ela acontece naturalmente, todas as situações que você tem dentro de uma equipe de futebol, ela é uma situação de momento, um encaixe do que você pensa sobre futebol e as mudanças, elas são... natural dentro dessa situação (T2).

Treinadores próximos ou até mesmo treinadores de outros clubes de expressão nacional também influenciam nas modificações da filosofia do treinador no decorrer do tempo. As mudanças da filosofia de treinamento são dadas por cada experiência que o treinador passa (T1), o conhecimento adquirido com o passar dos anos é um aspecto importante a ser analisado. O treinador 1 ainda complementou em sua fala que essas mudanças o levaram a ser mais pensativo ao tomar decisões e assim diminuir a margem de erro do treinador. O treinador 3, em concordância com o T1 citou outro componente que levou a sua filosofia a ter mudanças mais expressivas:

[...] eu fiz uma especialização em futebol e nós trouxemos alguns componentes da seleção brasileira pra fazer a parte de algumas matérias dessa especialização, e eles começaram a falar que tava tendo uma evolução e ai eu comecei a estudar bastante sobre isso e viemos né. Mudando modificando, adequando a cada faixa etária os treinamentos que se fazem na Europa, que se fazem nos grandes clubes do Brasil e principalmente no futebol argentino que é onde se produzem os melhores técnicos (T3).

O conhecimento adquirido na especialização levou o T3 a pensar diferente a forma de pensar o treinamento. Novamente o mesmo citou sobre a influência de outros treinadores e a adaptação da forma de pensar o processo de treinamento de acordo com cada faixa etária e categoria.

A mudança na forma de pensar, ou seja, o desenvolvimento da filosofia do treinador é um trabalho complexo e repleto de questões abertas, como influências externas morais e éticas, relações interpessoais, influência do clube/organização que o técnico está inserido, entre inúmeros fatores que interferem na formação e desenvolvimento da filosofia do treinador.

Ainda em relação à mudança da filosofia ao longo do tempo T1 afirma:

Muda. Claro! Cada experiência que passa, cada vitória, cada derrota, cada profissional que você conhece, cada conhecimento que você adquire vai te melhorando, vai te aperfeiçoando. Eu com certeza sou um profissional muito melhor do que quando eu comecei. Isso porque eu tenho conhecimento, tenho experiência, passei por muitas coisas na beira de campo, ou no vestiário, que vai te calejando e te formando pra ser um profissional diferente (T1).

Na pesquisa de Nash *et al.* (2008, p. 544) verifica-se nos treinadores de níveis intermediários que os mesmos visualizavam suas respectivas filosofias em “constante mudança e evolução dependendo do contexto do treinador” (tradução nossa). Os autores ainda complementaram que para que o treinador seja considerado experiente é necessário pelo menos dez anos de evolução e em torno de vinte anos de experiência no total. Os entrevistados de nossa pesquisa apresentaram em torno de 11 a 15 anos de experiência como treinador, ou seja, de acordo com Nash *et al.* (2008) esses treinadores estariam se aproximando de um nível intermediário entre os níveis 2 e 3, em que os mesmos estão em processo de mudanças constantes em suas respectivas filosofias e ao mesmo tempo alcançando uma estabilização na filosofia de treinador.

Nash *et al.* (2008) evidencia as expectativas de um dos treinadores pesquisados, de nível semelhante aos treinadores de nossa pesquisa onde o autor descreve:

É evidente que o treinador MR3 tem certas expectativas dos seus jogadores e ele exige que eles abordem a prática com o mesmo sentido ou propósito e compromisso com o qual ele aproxima seu treinamento, mas também parece que ele não tem uma compreensão clara do significado de uma filosofia de treinamento. (p. 548, tradução nossa)

De acordo com o autor, podemos afirmar que os treinadores entrevistados de nossa pesquisa se encontram em nível intermediário, onde demonstraram dificuldades em delinear os elementos da filosofia do treinador, mas em contrapartida demonstraram consciência ao identificar mudanças em suas respectivas filosofias, e materializar o que suas crenças, valores e princípios nos treinamentos.

Por fim, encerramos a pesquisa perguntando aos treinadores como eles materializam essa filosofia de treinamento no cotidiano de treino. Os resultados encontrados sobre essa vertente deram a entender que a materialização da filosofia do treinador se dá por influência de diversos fatores. O treinador 1 citou a influência do restante da comissão técnica, trabalhar com profissionais e atletas que seguem o que o treinador acredita tal como descrito:

Ai envolve muitas outras coisas também. Até a questão da comissão técnica. Mas a ideia é ter um treino enxuto, um treino que vai vislumbrar o que você quer dentro de campo. Trabalhar com pessoas que seguem o que você acredita em relação ao estilo de profissional, comportamento, estilo de jogo que você acredita que seja o jogo ideal, e isso interfere diretamente no dia a dia de trabalho (T1).

Dessa forma o treinador 1 afirmou materializar sua filosofia na prática de forma simples, “enxuta”. Em concordância ao T1, o treinador 2 afirmou depender de fatores como a preparação física e acrescentou a forma de lidar com os adversários. O T2 afirmou materializar sua filosofia aproximando-se mais do jogador em categorias mais jovens e à medida que essas categorias vão aumentando a idade, deixar que os jogadores vão entendendo a forma de trabalhar do treinador:

[...] Se você trabalha num sub 15 é uma maneira, você tem que estar mais próximo do jogador, porque realmente o jogador tem um pouco menos de entendimento do que no sub 17. Quando você trabalha com o sub 17 você pode deixar a coisa andar mais um pouquinho, porque os jogadores já tem um pouquinho mais de capacidade de entender o seu trabalho, o seu treinamento. [...] então essa maneira de pensar, ela depende muito de categoria (T2).

O treinador 3 também declarou adequar à forma de treinar de acordo com cada faixa etária, em concordância ao T2. O T3 ainda afirmou materializar sua filosofia com trabalhos mais técnicos, buscando a criatividade do jogador, pensando na maioria do tempo, em desenvolver o raciocínio do atleta, buscando uma vertente tecnicista, tal como declarou em sua filosofia.

A proximidade do treinador com os atletas, tal como o T2 descreveu em sua entrevista se dá no decorrer do processo geral de treinamento, ou seja, por meio de conversas fora do período de treinamentos, feedbacks relacionados à formação do atleta/ser humano, entre outras ferramentas que se inserem no processo de treinamento. Sobre essa discussão, Carless e Douglas (2011) exploram a prática do *storytelling*, que consiste em uma ferramenta que contribui para uma ligação entre os níveis abstrato-teóricos e os níveis práticos das experiências individuais. Essas histórias iniciam-se por uma experiência pessoal incorporada na forma de acontecimentos ou eventos específicos.

Em suma, os treinadores pesquisados demonstraram materializar suas respectivas filosofias condizendo ao que foi declarado ao serem perguntados sobre o papel do treinador e quais são suas crenças, valores e princípios como treinador, ou seja, qual a sua filosofia de treinador.

Em resumo verificamos no geral que muitas vezes os treinadores pensam primeiramente na instituição de trabalho, principalmente pela busca de resultados, seja formar o atleta para o clube, seja ser campeão de determinada competição. Observamos que conforme os treinadores citam em suas entrevistas, formar o ser humano seja uma segunda prioridade. O treinamento em sua maioria é pensado primordialmente por elementos técnicos e táticos do esporte, e assim, o processo de formação de jogadores se torna algo mais profissional que pessoal. Essa afirmação se deve em conta dos objetivos da organização esportiva em que o treinador se insere, na qual a pressão externa, como a mídia, torcida e até mesmo os elementos que dirigem o clube impõem ao treinador, em buscar a vitória acima da formação dos atletas e cidadãos. Além disso, fica evidenciado que a filosofia está em permanente mudança e que a materialização da filosofia no cotidiano de treino envolve a consideração dos demais profissionais, bem como a realidade do jovem atleta nas categorias de base.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação da filosofia do treinador é um tema carente de fontes de estudo, embora haja uma ascensão das pesquisas sobre esse assunto, sobretudo, no contexto internacional.

Os resultados indicaram que a formação da filosofia do treinador se dá por meio de um conjunto complexo de elementos, como experiências ao longo da vida, relações interpessoais, influências morais e éticas e influência do clube/organização em que o treinador se insere.

Ao analisarmos como os treinadores acessam a carreira, pudemos verificar que o terreno esportivo, nesse caso o futebol, exerce grande influência na escolha em ser treinador. As experiências prévias e o convívio com treinadores mais experientes levam o sujeito inclusive a agir de forma parecida com seus tutores. Verificamos ainda que a oportunidade de estagiar com o futebol, também é uma condição que leva o sujeito optar por ser treinador.

Adentrando aos elementos que constituem a filosofia foi possível identificar princípios, valores e crenças influenciados pelas experiências de vida do treinador, tais como: ser correto, justo, ser franco com a equipe, respeitando a individualidade de cada jogador, desenvolver o atleta para o clube, levando em conta os aspectos técnicos, táticos e de formação humana. Verificamos também outro elemento que constitui filosofia: a forma de pensar o jogo, influenciada pelas convicções, princípios e crenças do treinador, além da influência que a organização/clube exerce sobre o treinador.

Dando segmento aos resultados encontrados, verificamos que a filosofia do treinador sofre modificações no decorrer do tempo. Essas mudanças se devem por aspectos relacionados às experiências passadas, bem como a convivência com outros treinadores e pode ser influenciada também pela formação educacional do treinador, por exemplo, especializações e cursos. Nos relatos observados pudemos identificar que o treinador passa a ter mais tranquilidade na tomada de decisões e que a maioria das mudanças na filosofia do treinador ocorrem de forma natural.

Os resultados revelam ainda que os treinadores materializam sua filosofia na prática, baseados principalmente pela busca de resultados, o que corresponde à

influência que a organização/clube tem sobre o desenvolvimento da filosofia do treinador.

Identificamos que formar o jogador além do trabalho dentro do futebol, ou seja, contribuir na formação do sujeito compõe outro aspecto da materialização dessa filosofia do treinador. Ainda verificamos que depende de fatores externos, tal como o restante da comissão técnica, pressões externas como a busca de resultados e também a personalidade de cada atleta que o treinador trabalha.

Concluimos que a escassez de pesquisas e referências teóricas em língua portuguesa contribui para que os treinadores não tenham total clareza de sua filosofia de treinamento e não posicionem sobre o assunto, que tem se tornado emergente em outras línguas. Torna-se necessário estabelecer uma base filosófica que harmonize com os interesses da instituição que o treinador se insere e dispor de contribuições para o desenvolvimento de filosofias funcionais, realistas e condizentes com o que o treinador declara publicamente.

REFERÊNCIAS

- CARLESS, David; DOUGLAS, Kitrina. Stories as Personal Coaching Philosophy. **International Journal of Sports Science & Coaching**, Reino Unido, v. 6, n. 1, 2011, p. 1-12.
- CASSIDY, Tania; JONES, Robyn; POTRAC, Paul. Chapter 4 – Developing a Coaching Philosophy. In **Understanding Sports Coaching: The Social, Cultural, and Pedagogical Foundations of Coaching Practice**. Routledge, London, 2009. p. 55-64.
- COMTE-SPONVILLE, André; **Dicionário Filosófico**. Tradução Eduardo Brandão, 2 ed., São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André; **Dicionário de Filosofia**. Tradução Marina Appenzeller, Campinas: Papyrus, 1993.
- GERHARDT, Tatiana Engel *et al.* Unidade 4- Estrutura do Projeto de Pesquisa. In GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2009, p. 65-88.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed., São Paulo, SP: Atlas, 2002
- JENKINS, Simon. Chapter 16 - Coaching philosophy. In LYLE, John; CUSHION, Chris. **Sports Coaching – Professionalisation and Practice**. Elsevier, Edinburgh, London, New York, Oxford, Philadelphia, St Louis, Sydney, Toronto, 2010. p. 233-242.
- NASH, Christine S.; SPROULE, John; HORTON, Peter. Sport Coaches' Perceived Role Frames and Philosophies. **International Journal of Sports Science & Coaching**, Reino Unido, v. 3, n. 4, 2008, p. 539-554.
- NUNOMURA, *et al.* Ginástica artística competitiva e a filosofia dos técnicos. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 4, p. 678-689, out/dez. 2012.
- OLIVEIRA, Alex Fernandes de. ORIGEM DO FUTEBOL NA INGLATERRA NO BRASIL. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 4, n. 13, p.170-174, 12 jul. 2012.
- ROSADO, Antonio; MESQUITA, Isabel. A formação para ser treinador. In **Olhares e contextos da performance nos jogos desportivos**. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, 2008. p. 48-57.
- SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto, Unidade 2- A pesquisa científica. In GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2009, p. 31-42.

WANG, Jin; STRAUB, William F.. An Investigation into the Coaching Approach of a Successful World Class Soccer Coach: Anson Dorrance. **International Journal of Sports Science & Coaching**, Estados Unidos da América, v. 7, n. 3, 2012, p. 431-444.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas:

Treinador 1	Idade: 36 anos
Tempo na instituição de trabalho: 2 anos e 2 meses na primeira passagem/ 7 meses segunda passagem	
Tempo de experiência como treinador: 13 anos	
Formação: Gestão Esportiva e Educação Física.	

P.: Lucas. Como você se tornou treinador?

R.: Na verdade foi uma opção profissional, até por influência do meu pai que é treinador e foi jogador e eu resolvi seguir essa carreira, comecei a fazer o curso de gestão esportiva. E na época eu estudava na faculdade, tinha bolsa para jogar futebol e por causa dos meus horários, por causa de algumas viagens que a equipe fazia eu não podia acompanhar. E ai o professor na época que comandava a equipe, que é o Rubens Fantato, que é coordenador hoje no Goiás Esporte Clube me convidou para ser o auxiliar técnico dele para permanecer com a bolsa de estudos. E ai nessa transição eu me apaixonei e quis seguir essa linha.

P.: Você jogava em categoria de base?

R.: Não. Jogava no time universitário. Era jogador, tinha a bolsa da faculdade pra jogar, mas como na época eu trabalhava... eu era bancário, trabalhava no banco, e tinham algumas viagens, competições e eu nunca podia ir. E ai o Fantato me convidou para poder virar auxiliar técnico dele e ajudar ele nos treinamentos, que ele precisava de uma ajuda, pra que eu permanecesse com a bolsa porque não tinha como acompanhar os times nas viagens.

P.: Quais foram suas principais influências para que se tornasse um treinador?

R.: Na verdade a maior delas foi o meu pai né... que é treinador de futebol, é o Roberto Oliveira, foi jogador, mas eu sempre fui criado no esporte e não pude ser jogador de futebol por um problema no coração. E ai eu meio que desiludi do futebol, segui a carreira no banco, fui fazer outras coisas, comecei a trabalhar num banco, mas ai com essa oportunidade pra ser auxiliar técnico eu larguei tudo pra poder investir nisso, em 2003.

P.: Em sua opinião, qual é a função/papel do treinador?

R.: Na verdade ele exerce várias funções né. Eu acho que as principais: é ser um comandante de trabalho; é ser um gestor de pessoas e profissionais; e ter a qualidade técnica e tática para desenvolver o trabalho; uma metodologia, convicções, princípios, pra que ele consiga desenvolver o trabalho da maneira como ele acredita ser o ideal.

P.: Qual é sua filosofia de treinamento? No que você acredita, quais suas crenças seus valores como treinador?

R.: É uma muito complexa. Vou tentar resumir. Eu gosto do jogo jogado, eu gosto do futebol ofensivo, eu gosto do time com posse de bola, com circulação de bola, com ataques rápidos, com contra-ataques, com menos volantes possíveis, com equilíbrio, com transições. É mais ou menos isso. Não sei se a pergunta é dessa forma, mas eu tentando resumir o que eu acredito, eu acredito no futebol ofensivo, no futebol com posse de bola procurando o gol. Não no futebol que só desarma, que só marca, e que torna o jogo feio?

P.: Sim. E qual sua filosofia de treinador? No que você acredita na questão da formação do atleta, do jogador?

R.: Eu acho que o jogador... ele tem que ser homem. Eu acho que nós da comissão técnica devemos primeiro formar um homem principalmente na categoria de base. E a filosofia de trabalho é ser o correto, ser justo, ser o mais profissional possível com todos eles, ser direto, ser franco e fazer o que tiver que fazer pra equipe. O principal e o privilegiado tem que ser a equipe. O que for bom pra equipe deve ser feito. E nunca privilegiar um atleta ou outro pela sua qualidade, pela sua capacidade, em vez de privilegiar a equipe.

P.: O que te levou a pensar dessa forma? O processo de treinamento? E quais as bases para desenvolver essa filosofia?

R.: Uai. Eu trabalhei muitas equipes e consegui conhecer muitos treinadores e a gente vai formando o caráter e princípio profissional ao longo do tempo. Mas é isso. Essa formação é adquirida ao longo do tempo e a gente vai se formando como treinador assim.

P.: Sua filosofia de treinamento se modificou com o tempo? Como? Quais mudanças foram mais expressivas?

R.: Muda. Claro! Cada experiência que passa, cada vitória, cada derrota, cada profissional que você conhece, cada conhecimento que você adquire vai te melhorando, vai te aperfeiçoando. Eu com certeza sou um profissional muito melhor do que quando eu comecei. Isso porque eu tenho conhecimento, tenho experiência, passei por muitas coisas na beira de campo, ou no vestiário, que vai te calejando e te formando pra ser um profissional diferente.

P.: E quais as mudanças que você vê que foram mais expressivas?

R.: São várias. A questão da tranquilidade, a questão da tomada de decisão, a questão do conceito do jogo, de tentar colocar nos treinamentos o conceito do jogo, a questão de gerir o grupo e pensar sempre na equipe. Tudo isso, você vai adquirindo ao longo do tempo e suas decisões começam a ser menos... é... menos erradas. Claro que às vezes a gente toma uma ou outra decisão errada, principalmente dentro do jogo, mas a experiência vai transformando a gente e a gente começa a ser mais pensativo para tomar uma decisão, em vez de tomar uma decisão, na maioria das vezes na hora, com a cabeça, às vezes cheia, então a chance de errar é muito menor.

P.: E a última pergunta. Como você materializa essa filosofia no cotidiano de treino? Como você põe em prática?

R.: Ai envolve muitas outras coisas também. Até a questão da comissão técnica. Mas a ideia é ter um treino enxuto, um treino que vai vislumbrar o que você quer dentro de campo. Trabalhar com pessoas e atletas que seguem o que você acredita em relação ao estilo de profissional, comportamento, estilo de jogo que você acredita que seja o jogo ideal, e isso interfere diretamente no dia a dia de trabalho.

Treinador 2	Idade: 50 anos
Tempo na instituição de trabalho: 5 anos na primeira passagem/ 3 meses segunda passagem	
Tempo de experiência como treinador: 11 anos	
Formação: ensino médio incompleto	

P.: Chegou a fazer algum curso?

R.: Não. Eu nunca fiz curso de futebol. A minha vida foi formada só dentro de clubes como jogador. Depois que eu parei de jogar futebol, naturalmente a carreira de treinador surgiu.

P.: Como você se tornou treinador?

R.: Foi um convite de um time do interior, apesar que a primeira vez que eu fui treinador, eu fui treinador da base do Vila Nova em 2003. Fiquei sete anos no vila, eu tive um convite do Crac de Catalão e ai começou minha carreira de treinador profissional. Trabalhei mais ou menos nove anos como profissional e agora voltei pra base.

P.: Quais foram suas influências para que se tornasse um treinador? Se teve alguma pessoa que te influenciou, ou própria influência do meio mesmo.

R.: Não... realmente foi influência do meio. Na verdade eu sempre... quando eu era jogador de futebol eu sempre quis ser treinador. Até parei numa idade que dentro dessa idade eu conseguiria ser jogad... treinador de futebol e aprender dentro disso, conseguir uma idade pra conseguir aprender essa profissão. Então o meio mesmo me ensinou a ser treinador.

P.: Em sua opinião qual a função, o papel do treinador na categoria de base?

R.: São papéis diferentes né. Quando você trabalha no profissional é uma situação né. São jogadores já formados, de caráter até dentro do futebol, e quando você trabalha na base, na área que eu no momento estou trabalhando são formações diferentes. São formações de pensar num atleta pro clube, mas também você tem que pensar no ser humano. Porque a maioria dos jogadores que se formam da base, ele não consegue atingir o máximo que é chegar ao profissional. Então a gente tem essa mentalidade de trabalho de formar jogadores e também pessoas que continuem fora do futebol.

P.: Pensando nesse conjunto, qual a sua filosofia de treinamento?

R.: Toda vez que a gente pensa em treinamento vai mudando ano a ano. A gente acompanha treinadores que são mais famosos que a gente e a gente sempre muda

um pouquinho a maneira de pensar sobre futebol. Principalmente na base, até porque o treinador ainda não tá formado. Você tem que ter um pouquinho mais de paciência, você tem que ter um trabalho um pouquinho mais cauteloso a respeito de jogadores da categoria que não seja profissional, então essa maneira de pensar, ela muda muito no decorrer do ano que você trabalha.

P.: No que você acredita? No jogador... você me falou da questão da formação como ser humano. No que você acredita que tem que ser feito na formação desse ser humano? Não só do atleta.

É que na verdade você tem uma maneira de trabalhar, cada um tem uma maneira de se trabalhar formando atleta. Quando você tá pensando na base, essa formação depende muito do treinador. Se você trabalha no sub 15 é uma maneira de pensar, se você trabalha no sub 17 é outra maneira de pensar e se você trabalha no sub 20 você tem outra condição também de trabalho. Então dentro disso, o que a gente pensa é formar o atleta para o clube, mas também pensando numa vida dele após a situação de atleta.

P.: O que te levou a pensar o processo de treinamento dessa forma? E quais as bases para desenvolver essa filosofia?

R.: Eu... todo mundo trabalha dentro de um esquema tático. Isso aí é uma coisa de treinador. Não é a minha maneira de trabalhar ou a maneira de outro treinador. Todo treinador trabalha dentro de uma possível... um esquema tático, mas também você tem que pensar muito no que você tem em mãos. Que são seus atletas. Tem jogadores que tem um pouquinho mais de velocidade, tem jogadores que tem um pouquinho menos de velocidade, são mais técnicos. Então eu acredito na maneira de trabalhar em cima do que você tem no momento.

P. E as bases para desenvolver essa forma de pensar? O que te levou a pensar dessa forma? Da formação do atleta, da formação do jogador?

R.: Eu tenho uma maneira de pensar dentro de uma formação que você tenha atletas que assimilam muito mais rápidos, o que você tem a falar pra ele e tem atletas que assimilam mais devagar, então você tem que ter muito cuidado com isso até pensando em jogador no futuro. Tem jogadores que a gente olha no momento, você não vê tanta expectativa a respeito disso. Mas no decorrer do que ele tá com a gente... seis meses, um ano, o crescimento dele é grande. Então em cima disso que a gente se baseia bastante no trabalho da base.

P.: Sua Filosofia de treinamento se modificou com o tempo? Como e quais mudanças foram mais expressivas?

R.: Essa maneira de trabalhar com base, ela muda bastante. Você acompanha muito o trabalho dos treinadores, um pouquinho mais na frente, um pouquinho mais de treinadores de time grande e você tem essa maneira de pensar a respeito de mudança. Ela acontece naturalmente, todas as situações que você tem dentro de uma equipe de futebol, ela é uma situação de momento, um encaixe do que você pensa sobre futebol e as mudanças elas são... natural dentro dessa situação.

P.: Mas no que você se vê. Em você... quando você começou a ser treinador, da primeira vez. Como que você pensava e hoje, se teve uma mudança que você vê que foi mais expressiva?

R.: É que na verdade vamos pensar um pouquinho mais a frente, vamos pensar em seleção brasileira. A seleção brasileira jogava com três zagueiros, naturalmente o São Paulo foi campeão brasileiro, tricampeão com três zagueiros... essa foi uma mudança expressiva. hoje não se joga mais com três zagueiros. Então você trabalha com uma linha de três lá na frente, com três atacantes. Então a tática que acontece, ela acontece... cada três quatro meses você tem uma maneira diferente de jogar. Então volta aquela situação que a gente tinha pensado. Você tem que trabalhar em cima do que você tem. Então a mudança de três zagueiros, quatro zagueiros, essa situação de 3-5-2, 4-5-2, essas situações acontecem e mudam com os anos que vão vir.

P.: E como você materializa essa filosofia no cotidiano de treino?

R.: Olha. Isso ai é uma coisa que a gente treina! A gente tem dentro de uma situação que envolve a base, muitas situações. A preparação física, a situação tática, técnica, os adversários que você tem. Então você trabalha com umas quatro ou cinco linhas de posicionamento, então essa definição ela é difícil de te explicar. É uma definição... dependendo do que tem no campeonato. Então em cima disso que a gente trabalha. Em cima do que você tem.

P.: Por exemplo... por meio de conversa? Eu acompanho mais de fora, mas você conversa muito com o jogador, o que ele precisa melhorar?

R.: Essa questão vale muito da categoria que você tá trabalhando. Se você trabalha num sub 15 é uma maneira, você tem que estar mais próximo do jogador, porque realmente o jogador tem um pouco menos de entendimento do que no sub 17. Quando você trabalha com o sub 17 você pode deixar a coisa andar mais um

pouquinho, porque os jogadores já tem um pouquinho mais de capacidade de entender o seu trabalho, o seu treinamento. E quando você chega na base, num sub 20 já é uma situação totalmente diferente, porque você tem que... já são jogadores formados, com 20 anos, são jogadores que já sabem o que fazer, então dependendo muito do que você trabalha, e dos atletas que você tem em mãos, então essa maneira de pensar, ela depende muito de categoria.

Treinador 3	Idade: 55 anos
Tempo na instituição de trabalho: 20 anos	
Tempo de experiência como treinador: 15 anos	
Formação: Licenciatura plena em Educação Física e duas especializações	

P.: Como você se tornou treinador?

R.: Eu entrei no clube como estagiário em Educação Física, como preparador físico e a partir de 98 o técnico do sub 20 pediu para mim assumir as categorias infanto-juvenis que era na faixa de 16, 15 anos. Eu assumi e de lá pra cá me tornei técnico e não mudei mais.

P.: Quais foram suas influências para que se tornasse um treinador?

Bom. Primeiro foi essa parte do Paulo Cesar de Souza que era técnico do sub 20, que me passou para técnico e eu gostei muito do trabalho que eu fiz no estágio no São Paulo com o Telê Santana. Gostei muito do trabalho dele depois que ele foi pra seleção brasileira, acompanhei muita coisa e ali eu comecei a interessar por essa parte técnica e tática, e gostei e preferi ficar como treinador.

P.: Em sua opinião, qual a função/papel do treinador?

R.: É. O treinador ele tem que fazer o atleta atingir um nível que possa ser escalado na equipe né, para atingir seus objetivos, que é a vitória, né. Você tem que nesse papel seu de desenvolver um atleta, você tem q montar uma equipe, quer dizer, você vai desenvolver um atleta e montar um grupo. E você tem que trabalhar essa parte psicológica, a parte tática, pra depois esse atleta servir ao clube e o objetivo maior: a conquista de vitórias e campeonatos.

P.: Qual é a sua filosofia de treinamento?

R.: Eu trabalho muito fundamentos né. A filosofia seria aquela: ser bastante... é... mais tecnicista, exigindo mais a correção do movimento do atleta, e essa é a minha parte que eu gosto de adotar. E na parte de sistemas, eu sou... gosto de influenciar o atleta em muitos sistemas táticos né, pra que ele possa mostrar o seu melhor e possa contribuir ao clube.

P.: O que te levou a pensar o processo de treinamento dessa forma e quais as bases para desenvolver essa filosofia?

R.: Foi a evolução do futebol. Antes o futebol era muito mais técnico, muito mais... até bonito de se ver. Não tinha a parte física tão desenvolvida como é hoje, e você tem que evoluir nessa parte. Se você continuar dando aquele trabalho mais lúdico pros atletas ali, perderíamos muito nessa parte física, nessa parte de, como eu falei, correção de movimentos e não desenvolveria. Então quando o Brasil na copa de 70 foi o clube que melhor apresentou uma parte física, até que nós conquistamos um título na altitude e não teve problema nenhum. De lá pra cá eu comecei, como... até como criança assim eu comecei a acompanhar, gostava de ser um atleta, ver o Pelé jogando, ver o Jairzinho, a força, ver um Carlos Alberto, a força que eles tinham pra chegar na bola. E de lá pra cá resolvi fazer Educação Física e resolvi mudar conceito nosso. Então você tem que adequar isso ai e isso ai influenciou muito vendo, depois que... Claudio Coutinho, como preparador físico virou técnico da seleção brasileira, Carlos Alberto Parreira, preparador físico, técnico da seleção brasileira, formado em educação física, todos eles trouxeram essas influencias pra mim.

P.: Sua filosofia de treinamento se modificou com o tempo? Como? Quais mudanças foram mais expressivas?

R.: É porque quando eu entrei no clube, eu olhava assim que o pessoal fazia muito coletivo, que é aqueles jogos de onze contra onze, e eu comecei nessa parte. Depois eu fiz uma especialização em futebol e nós trouxemos alguns componentes da seleção brasileira pra fazer a parte de algumas matérias nessa especialização, e eles começaram a falar que tava tendo uma evolução e ai eu comecei a estudar bastante sobre isso e viemos né, mudando, modificando, adequando a cada faixa etária os treinamentos que se fazem na Europa, que se fazem nos grandes clubes do Brasil e principalmente no futebol argentino que é onde se produzem os melhores técnicos.

P.: Como você materializa essa filosofia no cotidiano de treino?

R.: É trabalhar espaços reduzidos, trabalhar, é... a criatividade do jogador. Hoje exige muito dois toques dos atletas e eu tenho uma parte que, nós cobramos sempre cobramos pro atleta driblar, pra voltar a ter aquela habilidade que tinha antigamente né. Em ser muito técnico, muito tecnicista nessa hora. Então nós temos que trabalhar isso. E desenvolver o raciocínio do atleta. Hoje ele tem que trabalhar

em espaços curtos de marcação, então nós temos que fazer treinamentos que ele possa sair de jogadas rápidas, que ele possa pensar rápido, e nesse pensamento rápido, ele possa criar uma situação que possa sair dessa marcação.

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Eu, _____ tendo sido convidado a participar como voluntário da pesquisa intitulada “A filosofia do treinador de futebol em categorias de base”, recebi do pesquisador responsável, Brenno Alecksander Rodrigues Paula, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

1- Que o estudo tem por objetivo investigar a formação profissional de treinadores de esporte, com atenção especial para o processo de desenvolvimento profissional dos treinadores de futebol das categorias de formação.

2- Que a metodologia da pesquisa é de natureza qualitativa e que para coleta de dados será utilizada a entrevista narrativa. Que eu participarei voluntariamente da referida entrevista, na qual serei questionado sobre as minhas experiências vividas com o futebol. Que, para fins de registro e análise, a minha voz será gravada durante a entrevista. E, que os dados obtidos serão arquivados por um período mínimo de cinco anos e que após este período os mesmos serão destruídos.

3- Que os incômodos que poderei sentir com a minha participação são a disponibilidade de tempo para participar da entrevista e possíveis constrangimentos gerados pelas perguntas do pesquisador. E, que o benefício que deverei esperar com a minha participação é o entendimento dos processos de formação profissional dos treinadores de futebol, o que pode fortalecer a profissão de treinador.

4- Que, sempre que desejar, será fornecido esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. E, que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer prejuízo. Esse procedimento pode ser realizado, a qualquer momento, por meio de ligação telefônica a cobrar diretamente ao responsável da pesquisa.

5- Que as informações conseguidas por meio da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo. E, que eu receberei uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

6- Finalmente, tendo eu compreendido tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, dos riscos e dos

benefícios que a minha participação implica, concordo em dele participar. Para tanto, dou o meu consentimento sem que para isso tenha sido forçado ou obrigado.

Endereço do pesquisador responsável: Rua Cruzeiro do Sul, qd. 11 lt. 17, nº 199 – Setor Jardim da Luz – CEP 74850420 – Goiânia/GO – (62) 998211414 – e-mail: brennoa@gmail.com

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás: Caixa Postal: 131, Prédio da Reitoria, Piso 1, Campus II (Samambaia) - CEP: 74001970, Goiânia/GO – 62-35211215.

Goiânia,.....de.....,2016.

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do pesquisador responsável